

Dos 3 aos 8 merece



Jacir J. Venturi*

Uma vigorosa transformação nas escolas de Educação Infantil e dos anos iniciais do Ensino Fundamental ocorreu nas duas últimas décadas. E o melhor: hoje, verifica-se uma expressiva valorização dos pais, que, no passado, costumavam dizer que “meu filho vai para o Jardim só para brincar.” De fato, com honrosas exceções, havia um trabalho árduo das cuidadoras e pouca pedagogia, embora saibamos que, para uma criança, atividades lúdicas bem planejadas são imprescindíveis.

Hoje, conforme estatísticas da UNESCO, 65% das crianças brasileiras frequentam a pré-escola.

anos, a criança uma boa escola

Belo índice, similar ao dos países com elevado grau de desempenho educacional. Um estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV), recentemente divulgado, concluiu que meninos e meninas que fizeram a Educação Infantil, ao chegar ao 5º ano diferenciaram-se significativamente em conhecimento e capacidade de aprendizagem, especialmente em matemática e português. Estou convicto, depois de 40 anos de atividade profissional em todos os níveis de ensino, de que, se me fosse dada uma única opção de colocar meu filho numa excelente escola, não titubearia: não seria na universidade, tampouco no Ensino Médio, mas sim numa escola de Educação Infantil.

É comum ouvir que a criança é uma “esponjinha”, pois retém, absorve tudo com muita facilidade, quando estimulada. Entre os 3 e os 8 anos, a criança está em uma das fases de melhor desenvolvimento neuropsicomotor. Aos 5 anos, a meninada deve estar inserida em um ambiente alfabetizador, num alegre convívio com o mundo das letras, para que não apenas o código da língua seja apreendido, mas também as práticas sociais de leitura e escrita – o chamado letramento. Pais, controlem a ansiedade e evitem

comparações: cada menino ou menina tem seu ritmo! Alfabetizar precocemente não significa alfabetizar melhor. A alfabetização e o letramento são processos, e não se deve estabelecer uma série como a série da alfabetização e do letramento, mas sim um percurso de enlevo e, concomitantemente, de estímulo às práticas de leitura, escrita e oralidade.

Por volta dos 6 ou 7 anos, o nosso “Einsteinzinho” começa a desenvolver o raciocínio lógico, o que – parafraseando a psicopedagoga Maria Irene Maluf – o habilita a participar de jogos e brincadeiras com regras mais elaboradas. É uma atividade lúdica e um rito de passagem ao maravilhoso universo da matemática.

A base da pirâmide demográfica se estreitou, diminuindo o número de filhos e, via de regra, o pequeno torna-se o “reizinho voluntarioso” numa casa de adultos. Na versão francesa, de *l'enfant roi* para *l'enfant terrible* há uma linha tênue. Em décadas passadas, as brincadeiras eram compartilhadas com irmãos, primos e vizinhos, em quintais, ruas e parques. Hoje, em parte, o filho convive essencialmente com adultos, pequenos animais de estimação, tem acesso

a shoppings, videogames, TVs, computadores. Essa postura sedentária e a ingestão sem controle de guloseimas ou excesso de alimentos no âmbito das famílias são as principais justificativas do contingente de 30% de nossas crianças com sobrepeso.

No ambiente escolar, os aluninhos passam por experiências enriquecedoras: compartilham experiências, cooperam entre si, ampliam o vocabulário, interagem com os colegas, aprendem as regras de convivência no coletivo. E não menos importante: iniciam-se no exercício de valores éticos, respeito ao meio ambiente, à diversidade, à hierarquia, aos horários, e começam a incorporar bons hábitos alimentares, com o consumo de frutas, verduras e legumes, muitas vezes obtidos da horta que eles mesmos ajudaram a plantar e regar. São requisitos indispensáveis para o desenvolvimento da autonomia, do autoconhecimento, da identidade, que os prepara para as fortes exigências futuras, formando adultos com boas relações sociais, familiares e profissionais. ■

*Diretor de escola, professor, palestrante e autor de livros

jacirventuri@hotmail.com